

# EDUCAÇÃO DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

*Volume VIII*



2021

**Lucas Rodrigues Oliveira**  
Organizador

**EDUCAÇÃO**  
**DILEMAS CONTEMPORÂNEOS**  
**VOLUME VIII**



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adayson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Profa. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Profa. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez	Tec-NM (México)
Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Profa. Dra. Patrícia Maurer	UNIPAMPA
Profa. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume VIII /  
Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal,  
2021. 54p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88319-85-7

DOI <https://doi.org/10.46420/9786588319857>

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas  
Rodrigues.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



**Pantanal Editora**

Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

A presente obra, como seu título sugere, objetiva refletir sobre os dilemas da educação brasileira contemporaneamente. Não há dúvidas de que, nesse contexto, há muitos temas para serem enfocados, por isso, os textos aqui agrupados perpassam por distintas temáticas educacionais.

O primeiro capítulo irá abordar os problemas e desafios oriundos da utilização do método científico na perspectiva da produção do conhecimento. Em seguida, o segundo capítulo irá tratar da Língua Portuguesa sendo ensinada como uma segunda língua para as comunidades indígenas.

O terceiro capítulo dessa obra abordará algumas questões acerca do ensino superior brasileiro, propondo discussões sobre os muitos desafios encontrados nesse nível de ensino. Por fim, o quarto capítulo trará uma reflexão sobre a educação inclusiva; assim, serão abordadas a inclusão e a acessibilidade na educação, com o foco nas reflexões de uma experiência de interação interinstitucional no Distrito Federal.

Com a oitava edição da obra “Educação: dilemas contemporâneos”, debatendo e refletindo sobre questões que são muito importantes para a educação de nosso país – que passa por uma situação anormal, devido à pandemia – esperamos contribuir com estudantes e profissionais da área da educação, a fim de que os debates propostos aqui sirvam para a formação de discussões e referenciais sobre a educação.

**Lucas Rodrigues Oliveira**


## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	4
<b>Capítulo I</b> .....	6
O método científico na produção do conhecimento: problemas e desafios .....	6
<b>Capítulo II</b> .....	19
A Língua Portuguesa na Perspectiva de Ensino Enquanto Segunda Língua em Comunidades Indígenas.....	19
<b>Capítulo III</b> .....	30
Reflexões sobre os Dilemas da Educação Superior Contemporânea .....	30
<b>Capítulo IV</b> .....	42
Inclusão e acessibilidade na educação: uma experiência de interação interinstitucional no DF.....	42
<b>Índice Remissivo</b> .....	53
<b>Sobre o organizador</b> .....	54

## O método científico na produção do conhecimento: problemas e desafios

Recebido em: 02/06/2021

Aceito em: 22/06/2021

 10.46420/9786588319857cap1

Oscar Edgardo Navarro Escobar<sup>1</sup> 

### INTRODUÇÃO

Uma das principais preocupações da profissão do educador ou educadora é, sem dúvida nenhuma, produzir um conhecimento científico nos espaços escolares e desenvolver práticas que vissem à transformação dos sujeitos sociais. O processo de elaboração e produção do saber passa pela experiência e os estudos da visão social de mundo construída nos espaços educativos de formação. Portanto, o processo político pedagógico do ato de educar está, também, definido pela sociedade dentro dos espaços da sociabilidade humana.

Como se vê, a realidade atual encontra-se em uma vertiginosa transformação, em todos os compôs da vida social, na dimensão cultural, política e econômica, isto é, outrora o ser humano podia satisfazer suas necessidades dependendo das forças coletivas, existia uma densa solidariedade pela sobrevivência, não obstante a partir do século XV, tudo mudou, os indivíduos são obrigados a vender seu tempo por dias, semanas ou meses, isto permite a possibilidade de resumir seu futuro.

O método de pesquisa sempre representou uma categoria muito importante, na dimensão educacional, senão a mais essencial, isto é, aquele que permite a socialização dos seres humanos nas suas múltiplas dimensões da vida. Ao longo deste ensaio vamos lembrar alguns deles, para em forma posterior podermos ter uma melhor compreensão daquilo que nós somos. Todavia, de forma transversal, analisaremos a categoria trabalho, pois, está é fundamental para abrir as sucessivas etapas que passou nossa humanidade. Seu exame será assunto do que se segue.

### A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

De uma maneira mais geral, método significa “caminho que conduz algures”, percurso a seguir, forma pela qual o raciocínio humano se orienta para pensar a lógica do mundo real ou natural. Se tivermos escolhido um caminho inadequado, ou seja, se formos guiados pelo método incorreto, pseudocientífico

<sup>1</sup> Pesquisador e professor adjunto na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

\* Autor correspondente: escobareduc@uepg.br

arriscar-nos-emos a difícil superação e não poderemos atingir os objetivos iniciais que derivam de nossas investigações. Portanto, o saber, os “conhecimentos são sempre relativamente determinados sobre certas condições ou circunstâncias, dependendo do momento histórico, do contexto, das teorias, dos métodos, das técnicas que o pesquisador escolhe para trabalhar ou de que dispõe” (Gatti, 2010).

A prática teórica nos ensina que, para compreendermos e interpretar corretamente os fenômenos físicos e sociais, devemos nos orientar por um sistema realmente científico de interpretação da vida. O pesquisador precisa de tal sistema de apreciação e de orientação do mundo, tal convicção, não somente para explicar as causas dos acontecimentos em geral, mais também para determinar seu próprio lugar no mundo e tomar a consciência que pode influenciar e contribuir nas mudanças que sempre estão em curso num dado momento histórico.

Sabe-se que os traços que caracterizam nossa contemporaneidade transitam num horizonte de contradições e mudanças contínuas. Não é sem razão que cada vez mais o ser humano está procurando conhecimentos que o possibilite a tornar-se agente de sua própria transformação. Assim, uma orientação ou um método que o possibilite dirigir-se nesse mundo social é de fundamental importância. A pesquisa mostra que: “O ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos” (Gatti, 2010). Não há dúvida de que a afirmação desta pesquisadora é verdadeira. Portanto, há muitas formas de compreender as questões sociais da vida humana e do campo educacional. Em tal sociedade, dessarte, não pode haver uma única concepção de mundo, mais existiram várias, pois a sociedade se baseia em classes, isto gerará inúmeras visões sociais de mundo, conseqüentemente, terão na sua vida real interesses totalmente diversos.

Isto quer dizer que a produção de conhecimento não pode ser neutra como sugere as teorias sociológicas do positivismo clássico, pois, quando se pesquisa, invariavelmente, o investigador vê-se envolto neste problema de contradições sociais. Em todas as épocas da história, sempre houve diversas percepções sobre ela. Assim, convém salientar que o sentido científico da produção de conhecimento é um: “trabalho de investigação não pode deixar de ser complexo e delicado: exige uma análise muito fina e sobriedade intelectual. Porque é muito fácil deixar-se prender pelas semelhanças exteriores e não ver as semelhanças ocultas e os nexos necessários camuflados” (Gramsci, 1974).

Por detrás do cenário social existe toda uma realidade socioeconômica, toda uma luta de interesses, um constante conflito entre as classes distintas, que não pode ser negada pelos cientistas sociais e educacionais. Que devemos considerar, portanto, como o problema fundamental da produção de conhecimento?

O estudo e compreensão do mundo também dependem do método de cognição utilizado por este ou aquele pesquisador. Todos os fenômenos da natureza e da vida social são de grande significado para o



campo da educação e da produção do saber ou do conhecimento na ciência. Assim: “O conhecimento científico e também o filósofo devem partir da objetividade concreta do existente que a cada vez torna-se seu objeto e desembocar no esclarecimento de sua constituição ontológica (...) Essa prioridade incondicional do ser em sua perspectiva objetividade concreta determina também seu modo de conhecimento em forma generalizada, portanto, como categoria” (Lukács, 2010).

Precisamente por isso que a prática humana é o ponto de partida e a base do conhecimento humano, isso não quer dizer, no entanto, que a simples teorização da realidade revele o verdadeiro sentido dela. A cognição da realidade dada pelo pensamento encontra-se em ligação e interação direta com outros fenômenos e processos do mundo real e concreto e por isso desenvolve-se de forma social. Ao mesmo tempo, as possibilidades concretas não permanecem imutáveis, inalteráveis ou fixas. À medida que as condições mudam, elas transformam-se em abstratas, isto é, o pensamento se apropria da realidade no nível de cognição para depois voltar à própria realidade pensada. Dessa forma: “Método não é algo abstrato. Método é ato vivo, concreto, que se revela nas nossas ações, na nossa organização de trabalho investigativo, na maneira como olhamos as coisas do mundo (Gatti, 2010). Se considerarmos essa observação, no decurso de seu trabalho e de suas atividades cotidianas, o homem descobriu constantemente novas propriedades, ignoradas até então, chegou à convicção da existência das coisas, da realidade objetiva, independente de si, de sua consciência, de suas sensações. Na atividade prática do cotidiano os homens têm perante si o mundo objetivo e por isso chegam necessariamente à ideia de que este mundo existe fora e à margem da sua consciência. Todavia, tem uma história bastante longa o problema das relações entre a consciência humana e o mundo objetivo, entre as nossas sensações e ideias sobre a realidade circundante e esta mesma realidade, para Kosing (1977):

O processo material da vida dos homens consiste, antes de mais, na transformação da natureza por meio do trabalho social, na apropriação das substâncias e das forças da natureza, tornando-as úteis às necessidades humanas, com o fim de alcançar os meios materiais necessários à existência dos homens. Como a atividade de trabalho dos homens exige a cooperação social, no processo material da vida dos homens nascem também, e simultaneamente, relações, instituições, estruturas sociais, etc. (Kosing, 1977).

Portanto, os indivíduos constantemente estão alterando a sua realidade, procurando construí-la de acordo a suas necessidades, é claro, que não a seu anseio subjetivo, mais de acordo aquilo que as circunstâncias historicamente colocaram, daí a importância de interpretá-la de um modo adequado. Assim, captar o elo principal como ponto de partida numa investigação torna-se essencial, como faz notar a pesquisadora Masson (2009): “Ir além dos acontecimentos é um pressuposto importante na apreensão do real, da verdadeira caracterização do ser, da sua gênese, movimento e contradições” (Masson, 2009). Em tempos históricos pretéritos os nossos antepassados meditaram sobre isto, mesmo quando não concebiam claramente a estrutura social de sua organização nem podiam explicar fenômenos de desigualdade, pauperização, etc. As suas tentativas de explicação levaram-nos à ideia de que existe outra realidade não

terrena de caráter sobrenatural, na qual a consciência, de natureza imortal, vive e atua separada do mundo objetivo e real.

Os filósofos da antiguidade levantavam estas questões; o que é o mundo sensível e qual o seu fundamento; qual é a fonte dos nossos conhecimentos sobre a realidade, ou seja, qual é a origem de seu desenvolvimento do conhecimento. As respostas a estas perguntas estavam vinculadas, no plano filosófico, a certos conceitos sobre a matéria, isto é, ao problema fundamental da filosofia, ou, como afirma um eminente filósofo: “Na história da filosofia, são conhecidos dois tipos de doutrinas idealistas: o idealismo objetivo e o subjetivo. Objeto é que existe fora do homem, independentemente de sua consciência (...). Para o materialista, as coisas e fenômenos que nos cercam existem na realidade, isto é, independentemente de nossa consciência” (Jakhot, 1967). Efetivamente, o estudo e a compreensão de mundo também dependem do método de entendimento sobre a realidade do mundo social e natural. Debrucemo-nos por um momento, nestes tipos de pensamento para demonstrar seus efeitos na prática de nosso cotidiano.

Na visão de Platão ou Aristocles (427-347 a. C), o conhecimento nasce com o sujeito ao longo de sua formação humana, defende a fé na razão e a convicção de que existe uma verdade invariavelmente apropriada. Sua doutrina filosófica tem como principal preocupação levar as pessoas à sabedoria, entendida como um saber-fazer técnico; um saber político, que era como os sofistas entendiam a sabedoria; um saber expressar-se, convencer a outro, ou seja, o domínio da linguagem retórica. Sob a influência de seu mestre Sócrates, durante oito anos ininterruptos de 407 a 399 a. C, ano da morte de seu mestre, criou a firme convicção de que o homem devia agir e viver conforme seu espírito, para Platão, os sentidos que captam o mundo objetivo possuem um valor subjetivo, porque cada pessoa os percebe de modos diferentes, as impressões sobre o mundo vão-se alterando de pessoa para pessoa, ou ainda se diferenciam dependendo da cognição do sujeito. Assim, este filósofo parte da convicção de que a ação de conhecer, como as categorias de justiça, igualdade, bem estar, a alma deve tê-los incorporado antes de unir-se ao corpo, num período anterior a sua existência, portanto, toda ação de aprendizado, nada mais é que uma recordação de tudo o que nossa consciência tinha visto na sua vida pré-cósmica. A ideia de um mundo imaterial é o que define o indivíduo no meio na qual está situado, as ideias são o motor da realidade humana, dessa forma, Platão se fez o fundador do idealismo<sup>2</sup> (ideocracia), é somente nas ideias que se pode reconhecer a absoluta realidade.

Platão enunciava que: “não é permitido irritarmo-nos com a verdade” escrevia ele, seu contexto político de Atenas era uma oligarquia constitucional, assim, ele escreve contra esta forma de governo,

---

<sup>2</sup> “O presuposto do idealismo é o reconhecimento do papel ativo, decisivo, das ideias e da consciência humana na história. Isso, contudo, ao refletir o papel central da atividade de controle do trabalho manual exercido pela classe dominante, é equivocadamente exagerado a tal ponto que todo o mundo em que os homens vivem (portanto, tanto a sociedade quanto a natureza) passa a ser decorrente da ação da consciência. O idealismo não nega a existência da matéria, apenas afirma que, na nossa relação com o mundo material, este assume a forma pelo qual é reconhecido pela consciência” (Lessa et al., 2011).

embora pertencesse a essa classe social da aristocracia, ele foi o primeiro a fundar uma escola com teor de investigação científica para produzir um conhecimento que fosse socializado e resguardado pelas gerações, seus próprios escritos visavam discutir um governo que permitisse aos indivíduos o respeito à liberdade, assim, na sua obra - “República” (Politéia) coloca em evidência a necessidade dos governantes distribuir a justiça, eixo central para uma polis que permitiria a plena cidadania, o governo, para ter sucesso deveria ser orientado pelos filósofos (rei-filósofo), seria uma espécie de sofocracia, para ele, existe nos indivíduos uma aptidão natural, assim, os melhores governos seriam compostos daqueles cidadãos que tivessem essa aptidão natural para governar, para administrar os interesses sociais. Assim, “Aos 35 anos concluíam-se a preparação dos reis-filósofos. Estava previsto, no entanto, mais 15 anos de vida em sociedade. Nesse período, testariam os conhecimentos entre as pessoas comuns e trabalhariam para se sustentar. E então, somente os bem-sucedidos se tornariam governantes” (Piletti, 2012). Estas observações encontram-se na obra principal a República.

Para Platão a democracia (demo=povo – cracia=um único governante) é uma forma de organizar a sociedade extremamente injusta, pois, pode permitir que uma pessoa que não tenha aptidão para pensar possa ter o mesmo valor que uma pessoa com alto nível de abstração, assim, podem ser cometidas muitas injustiças, esta experiência pode ser demonstrada na tragédia de seu professor, pois, foi acusado por ateísmo e por corromper a juventude com seus ensinamentos, fato completamente falso, assim, Platão possui uma aversão a esse tipo de governo injusto. De outra parte, assim se refere Manacorda (2004) a este filósofo:

Platão nos dá informações novas e aceitáveis (...) a formação de que falamos era destinada exclusivamente às castas dominantes, aos nobres ou aos funcionários. Trata-se, portanto, ou da enculturação ético-comportamental do homem de qualidade ou da instrução profissional do administrador do Estado. Atrás desta enculturação e desta instrução devia existir, sem dúvida, um centro de elaboração de sabedoria e da paciência ou cultura<sup>3</sup> (Manacorda, 2004).

De acordo com estas colocações, podemos auferir que este filósofo tinha clareza enquanto à produção de conhecimento, pois, não todos poderiam exercer a função de sua produção, uma vez que os indivíduos já tinham seu lugar na sociedade antes de seu nascimento, portanto, o futuro das pessoas já estava definido antes destes nascer. Embora discordasse, quanto à forma de organização social supunha que a produção intelectual visava legitimar o poder constituído, quem se desviasse desses objetivos constituía severas penalidades, foi o caso de seu mestre, pois: “Sócrates tenha vindo a tornar-se “subversivo” à decadente democracia ateniense. Não foi ele, afinal, o exímio mestre da ironia, esse peculiar discurso que corrói inapelavelmente as verdades estabelecidas? (Schneider, 1996). Por esses

---

<sup>3</sup> “É parte de minha tese que a cultura de um indivíduo depende da cultura de um grupo ou de uma classe, e que a cultura de um grupo ou de uma classe depende da cultura do conjunto da sociedade à qual pertence aquele grupo ou aquela classe. É a cultura da sociedade, portanto, que é fundamental, e é o significado do termo “cultura” em reação ao conjunto da sociedade” (Eliot, 2011).

motivos, seu aluno mais ilustre: “propõe um humanismo orientado para o aprofundamento da vida interior. “O “divino” Platão identifica-se com Sócrates, o inimigo dos dogmatismos, o infatigável perguntador” (Védrine, s/d). Por conseguinte, a concepção do idealismo se estende em todos os planos da vida social quanto ao mundo em que vivemos. É exatamente por essa razão que: “O primeiro golpe contra a concepção idealista do universo foi desfechado pelo cientista polonês Nicolau Copérnico (1473-1543), que defendeu a ideia de que a Terra não era o centro do universo, mas um planeta comum de nosso sistema solar” (Yakhot, 1967).

Os antigos filósofos gregos denominavam de dialética (conhecimento baseado na arte do diálogo) o meio de se definir a verdade por meio de argumentos consistente com a realidade, deve-se examinar a verdade pela discussão. Na época atual, entendemos essa categoria como sendo: “*um método filosófico de cognição da realidade, de acordo com o qual tudo no mundo se desenvolve e se modifica. Como diz o velho filósofo grego Heráclito, tudo flue, tudo muda*” (Yakhot, 1967). A verdade é que no mundo objetivo não existem duas formas de fenômenos (materiais e espirituais), o que existe é uma unidade entre essas propriedades, pois, a consciência humana só existe como produto da atividade sensorial e cerebral em conexão absoluta com o meio no qual estão situados os sujeitos sociais, assim, o mundo simbólico não existe por si, em separado, mas como parte inerente ao humano, portanto, o processo real de vida consiste, antes de tudo, na alteração da natureza por meio do trabalho coletivo com o fim de satisfazer as necessidades biológicas e suas representações cognitivas. Eis como aborda este assunto o ilustre filósofo das luzes no século XVIII, Locke afirma que:

“Trata-se da experiência das operações de nossa mente dentro de nós, operações essas que, por serem repetidas com frequências, permitem-nos moldar certas ideias, tais como de pensamento, de crença, ou de pensar, crer assentir, duvidar, desejar, amar, temer, esperar, detestar etc., ações de nossa mente que, por não compreendermos como o corpo poderia produzi-las, tendemos a considerar oriundas de uma substância à parte, que chamamos de espírito. Mas é evidente que, por não termos outra ideia ou noção de corpo a não ser de algo em que subsistiriam as muitas qualidades sensíveis que afetam nosso sentido, quando supomos uma substância em que subsistiriam pensamento e conhecimento e dúvida e esperança e medo etc., temos uma noção tão clara da ausência de espírito quando temos daquela de corpo, em um caso o suposto substrato desconhecidos das ideias simples que recebemos de fora (...) das ações que experimentamos dentro de nós” (Locke, 2015).

O resultado deste processo é a consciência humana, assim, ao contrário de uma filosofia idealista<sup>4</sup>, ela é produto das atividades que os indivíduos desenvolvem no modo cotidiano da vida num contexto de sociabilidade, independente de eles quererem ou não. Evidentemente, as atividades que os homens desenvolvem em conjunto possuem uma base material para transformar o mundo natural e assim os sujeitos transformam a si próprio e à sociedade. É fundamental mencionar que esta relação não se trata

---

<sup>4</sup> “Caracteriza esse período é a elaboração de uma peculiar concepção de mundo, na qual o ponto de vista mais importante é a ideia da imutabilidade absoluta da natureza. Segundo essa ideia, a natureza, independentemente da forma em que houvesse nascido, uma vez presente, permaneceria sempre imutável, enquanto existisse” (Marx et al., 2004).

de um movimento espontâneo, nem de uma relação instintiva entre pensamento e ser, eles se encontram diferenciados e ao mesmo tempo formam uma unidade que produzem sua complementariedade de modo único.

Aristóteles (384 – 322 a. C) desenvolveu uma compreensão oposta ao de Platão, era filho de Nicômaco, médico da monarquia macedônica, foi também, assessor de Alexandre o Grande; este filósofo dedicou uma obra a seu pai (*A ética a Nicômaco*), nesta descreve sua compreensão de mundo e a sociedade de seu tempo. Eis como ele descreve e define os papéis sociais, explicando que a escravidão é uma forma “natural” de organização, é importante observar que neste contexto há uma produção social fundada nas diferenciações de classe, assim, os filósofos expressam esse excedente de tempo na produção do saber, também, definem sua posição de classe na estrutura da sociabilidade, essa opinião íntegra e visa a legitimar que:

“Mas a natureza faz ou não um homem escravo? A escravidão é justa e útil ou será antes contra a natureza? É o que agora importa examinar. A realidade e a experiência conduzir-nos-ão, neste ponto, da mesma forma que a razão, ao conhecimento do direito. Não é somente necessário, é também vantajoso que haja comando duma parte e obediência da outra; e todos os seres, desde o primeiro instante do seu nascimento, estão, por assim dizer, marcado pela natureza, uns para mandar, outros para obedecer” (Aristóteles, 2000).

Para compreendermos estas colocações é basilar conhecer o contexto no qual estão sendo produzidas, observemos de mais perto este grande filósofo. Enquanto para Sócrates, indistintamente das classes sociais, todos os indivíduos possuem a capacidade de adquirir conhecimentos e desenvolver suas capacidades cognitivas de forma ilimitada, para Aristóteles apenas algumas pessoas possuem tal capacidade. A desigualdade se justifica à medida em que uns nasceram para serem filósofos, patrícios, governadores e outros para serem escravos ou camponeses, porém, ambas as classes formam uma unidade, uma não pode existir sem a outra, assim resulta natural a divisão entre os indivíduos dentro da estrutura social e política, Assim, cabe às classes dominantes distribuir os papéis sociais, então, mediante a racionalidade permitiria justificar essa forma de sociabilidade e não outra. Por conseguinte, o sentido real da melhor forma de governo é a aristocracia e a monarquia, a democracia pensa ele, seria uma tentativa fracassada de organizar as relações sociais, levaria a um governo inadequado e teria muitas dificuldades de resolver os problemas coletivos, pois, ao participarem uma parcela significativa da população na administração pública sempre existiram muitas divergências, isto levaria a um mau governo.

O pensamento filosófico não se interessava só pelo problema da existência do mundo fora deles; foram atraídos pelos problemas relativos à estrutura social do mundo e ao fundamento dos fenômenos preocupantes e passageiros da realidade objetiva. Aristóteles não se furta a estas preocupações, tudo possui uma finalidade na sociedade, inclusive as próprias classes sociais distintas. Ele incursionou em diversas áreas de conhecimento como a Lógica, Metafísica, Física, Ética e Moral, política e, principalmente ao método filosófico para alcançar a verdade, entre outras. Compreendeu primeiro ele, que a filosofia (amor

à sabedoria), como qualquer área da ciência, possuía diante de si uma responsabilidade que deveria ser assumida por todos aqueles indivíduos que tinham o privilégio de possuí-la, portanto, numa prática adequada: “O critério é correto quando, segundo sua forma, é uma proposição, com sujeito e atributo, o qual une ou separa os conceitos de uma maneira que corresponda à realidade objetiva. Critério equivocado, agora, é aquele que une ou separa os conceitos de modo a contrariar a realidade objetiva (Zikas, 1994). Sendo ele um filósofo materialista, considerava importante a leitura da realidade objetiva de modo a não se perder nas análises especulativas, pois, estas levariam a um raciocínio da metafísica e não era fecundo ao conhecimento humano.

Assim, Aristóteles, dava muita importância ao estudo da existência objetiva dos indivíduos em sociedade. Como eles se relacionavam para produzir e como eles se posicionavam na esfera econômica constituíam fatores fundamentais para entender de que modo pensavam e se organizavam na sua dimensão jurídica e política. Para ele, o ser humano tem múltiplas potencialidades e somente poderá alcançá-las na medida que tiver as condições necessárias e objetivas de outra forma seria impossível atingir essa conduta, afirmava ele que: “Nada há na nossa inteligência que não tenha passado pelos sentidos” (Piletti, 212). Esta observação acima remete às colocações de Locke na sua obra: “Ensaio sobre o entendimento humano”, quando esclarece que a consciência humana é produzida pela matéria prima que é o mundo real e objetivo. A grande resolução do problema fundamental da filosofia e, não é por acaso que tal questão constitui o eixo basilar em torno do qual gira a contradição desse problema gnosiológico, qual seja, a concepção idealista e a materialista, desde os primeiros tempos das sociedades gregas até nossos dias, pois, elas têm um resultado eminentemente prático, pois, remete ao problema que é necessário mudar as mentalidades, as ideias dos indivíduos para depois mudar a realidade ou, é necessário primeiro alterar as circunstâncias concretas e reais e, em decorrência mudarão as formas de consciência social.

Portanto, Quais métodos de entendimento do mundo que foram produzidos pela filosofia no decorrer do desenvolvimento histórico humano são mais eficazes para a compreensão da realidade social? Qual deles é correto, científico? Aqui devemos fazer um parêntese. A origem das classes<sup>5</sup> sociais está associada ao aparecimento e ao desenvolvimento da divisão social do trabalho, isto é, num determinado estágio alcançado pelos instrumentos de produção possibilitou criar um excedente, estes foram apropriados por um grupo que passa imprimir determinadas regras na apropriação dessa demasia. Assim, a divisão de trabalho que se seguiu foi pela separação entre trabalho intelectual e trabalho manual. O trabalho de pensar transformou-se em monopólio das classes dirigentes que ocupavam lugares privilegiados na direção da produção, administração dos negócios do Estado, das artes das ciências, da

---

<sup>5</sup>“Classes sociais são grupos humanos que se diferenciam entre si pela posição que ocupam num determinado modo de produção e pelo seu papel na apropriação da riqueza. Cada um pertence a uma classe social de acordo com a parte que lhe cabe na divisão da riqueza que uma sociedade produz. Por ocuparem posições diferentes em determinado regime econômico, algumas classes podem apropriar-se do trabalho das outras. Os conflitos de interesses entre as classes conduzem inevitavelmente à luta entre exploradores e explorados” (Gadotti, 1991: 75-76).

filosofia, etc., enquanto o trabalho manual ou concreto tornava-se o bandim da maioria da população<sup>6</sup> que produzia. Historicamente, através desse raciocínio podemos entender por que na Antiguidade, principalmente nas sociedades gregas, desenvolveram tanto a produção de conhecimento filosófico, pois, gerou um excedente de tempo extraordinário que possibilitou esse volume imenso de saberes nas múltiplas áreas científicas. Em suma, o que explica o domínio do idealismo como linha filosófica ao longo de dois milênios, é sem dúvida nenhuma, a divisão social do trabalho. O trabalho manual permitiu que certo grupo social destinasse seu tempo exclusivamente para pensar, constituindo-se num terreno fértil para estabelecer uma hegemonia intelectual frente à maioria da sociedade, dos primeiros se ia produzindo uma visão social de mundo de desprezo e inferioridade, conseqüentemente, a diferenciação social se legitimava pela classe que produzia esse conhecimento e era acatado pela população de forma natural e não social.

Vale salientar que este é um processo histórico que ocorreu ao longo da evolução da humanidade, não existia m propósito definido desses acontecimentos, assim, a passagem de uma sociedade para outra, deu-se da necessidade de resolver os problemas que essa relação social produzia, portanto, em dadas circunstâncias, as classes entram em conflito como uma forma de dar uma solução real aos problemas enfrentados, porém, nos dias atuais há uma crescente necessidade de superar o desvio entre a produção, que é um ato coletivo e sua apropriação privada de usufruto; estes desencontros na produção são os geradores da desigualdade no campo da economia, da cultura, da educação, das artes, da comunicação, do acesso ao conhecimento socialmente produzido, etc., Estamos cercados por uma quantidade infinita de exemplos em nosso cotidiano que tratam dessa questão. Não podemos ignorar que uma parte significativa da população teve e tem acesso a esses bens produzidos, porém, não chegam a ser suficientes para a resolução dos problemas mais fundamentais de nossa vida em sociedade. Em que pese ao aumento da escolaridade, ao aumento no acesso aos bens de consumo, os problemas continuam latentes, por isso: “Hoje, mais do que nunca, os homens precisam esclarecer teoricamente sua prática social, e regular conscientemente suas ações como sujeitos da história. E para que essas ações se revistam de um caráter criador (...) uma elevada consciência das possibilidades objetivas e subjetivas do homem como um ser prático” (Ribeiro, 1991).

Nesse sentido, de um lado a produção de conhecimento científico adquire uma relevância de suma importância para poder-se orientar nessa realidade da vida cotidiana e, de natureza intrinsecamente social e não metafísica, como alguns produtores de saberes nos querem ensinar, de outro, por considerar que os homens somente satisfazem suas necessidades na medida em que se relacionam no coletivo, ao mesmo tempo se relacionam com a natureza por meio do trabalho e, este se imprime numa relação alienada,

---

<sup>6</sup> “As classes sociais dividem-se em classes fundamentais e não fundamentais. As classes fundamentais são aquelas que foram originadas por um certo modo de produção do qual são a base. Na sociedade escravagista foram os escravos e os senhores de escravos; na sociedade feudal, os senhores e os camponeses; na sociedade burguesa os capitalistas e os operários. Nas classes fundamentais entram, pois, classes em que uma é proprietária dos meios de produção enquanto a outra não possui nada” (Spirkine, 1966).

consequentemente, resulta numa unidade de negação à existência social, porque a sua atividade de trabalho não conduz à satisfações de suas necessidades concretas e desvirtuam na sua relação com os outros seres humanos. Nesse movimento, é sempre bom lembrar: o ser humano é sempre a um tempo produto e produtor (transformando) de sua ação, assim, de todas as atividades econômicas<sup>7</sup>, políticas e culturais, propriamente humanas. Portanto, o conhecimento científico deve iniciar-se na objetividade concreta do real existente a cada vez replicando e vertendo no esclarecimento de sua constituição essencial.

## CIÊNCIA E IDEOLOGIA

Seria muito útil no final deste trabalho tratar dessas duas categorias, em princípio, o pensamento científico possui algumas peculiaridades, a própria palavra ciência deriva do latim “scientia”, que possui como significado “conhecimento”, “saber”, assim, é aquele conhecimento que busca compreender a lógica do mundo real, independente da perspectiva das subjetividades humanas, é um saber que busca por meio de demonstrações expressarem o movimento da objetividade; Aristóteles passou a significar a ciência como um “conhecimento demonstrativo” capaz de ser comprovado, experimentado através da observação e da constatação. Portanto, podemos afirmar que ciência é aquele saber que procura compreender e interpretar o funcionamento das coisas seja da natureza ou da sociedade, é um conhecimento provado, confiável porque pode ser provado objetivamente e, mais ainda: “o conhecimento científico e também o filosófico devem partir da objetividade concreta do existente que a cada vez torna-se seu objeto e desembocar no esclarecimento de sua constituição ontológica” (Lukács, 2010). É aqui que entra o método científico, este deve seguir algumas etapas fundamentais, tais como, levantamento do objeto a ser estudado, elaboração do problema da pesquisa, coleta de dados sobre assunto pesquisado, experimentação, análise dos resultados e conclusões provisórias, etc., todavia, o que conta é o método de cognição para poder desvendar a essência das coisas. Portanto: “a ciência não pode ser desligada de uma linguagem e de uma lógica que permitam a ela descrever as coisas de modo sistemático” (Schópke, 2010). Certamente, esta é uma condição essencial e importante para poder ter êxito numa pesquisa ou num conhecimento que pretende buscar a revelação da realidade e queira solucionar problemas da mesma.

Ideologia é um verdadeiro labirinto de significações, porém, há um consenso em afirmar que é uma forma falsa de interpretação do mundo real; foi Destutt de Tracy que literalmente inventou esse conceito e deu um significado eminentemente científico na época do século XIX no sua obra “Elementos da Ideologia”, afirma ele: “é o estudo científico das ideias e as ideias são o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza, o meio ambiente (...) onde trata da questão dos sentidos, da percepção

---

<sup>7</sup> O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico etc., repousa sobre os outros, e sobre a base econômica. Mas, todos reagem, igualmente, uns sobre os outros, e sobre a base econômica. Isto não significa que a situação econômica seja a causa que só ela seja ativa, e que todo o resto seja ação passiva. Há, “ao contrario, ação reciproca sobre a base da necessidade econômica, que sempre se impõe, em última instancia” (Hainchelin, 1961).



sensorial, através da qual se chegaria às ideias” (Lowy, 2015), efetivamente, as ideias nascem nessa configuração humana, todavia, essa definição sofreu uma distorção uma vez que o grupo do autor entrou em conflito com Napoleão e, este deu um sentido pejorativo, contrário de modo a diminuir a influência que eles tinham na sociedade da época, passando assim a significar uma noção metafísica do mundo real, isto é, quando alguém faz um julgamento apressado e superficial, sem noção da realidade objetiva, seria uma ideologia, é uma falsa consciência da realidade. Portanto, podemos começar a deduzir que ciência e ideologia são incompatíveis com a produção de conhecimento científico, esta última procura legitimar, justificar orientações cognitivas de modo a ocultar certos aspectos da realidade humana, este ato não resulta num cinismo do indivíduo frente a seu meio social, muito pelo contrário, é uma necessidade da classe que tem o poder, pois, ela precisa ocultar ou encobrir as desigualdades, as contradições que nascem das relações de classe, daí surge a necessidade de criar “inverdades, fugas em relação ao mundo real. É oportuna a seguinte colocação: “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (Marx et al., 2008). Assim sendo, a apropriação e a produção de conhecimento passam por essas questões abordadas anteriormente, portanto, para navegar num horizonte onde se pretenda chegar próximo à verdade, necessariamente o pesquisador terá que promover um bom método, pois do contrário mesmo com talentos literários trabalhará de forma empobrecida, produzirá um saber que se consuma com a evasão da realidade, sua produção não será fecunda mais alienada e fragmentada.

Feita esta pequena digressão sobre a ciência e da ideologia, finalizaremos nosso tema maior acerca do idealismo e materialismo, colocando a seguir algumas considerações que denotam o declínio da produção de conhecimento de parte da classe burguesa, está literatura da decadência ideológica perduram até nossos dias, os critérios para essa definição foram extraídos do pensador húngaro, eis aqui:

“1) a submissão pura e simples do indivíduo à decadência apologética da ideologia burguesa (sem fazer distinção, bem entendido, entre formas diretas ou indiretas, aristocráticas ou triviais, de apologia);

2) a ruptura completa dos indivíduos intelectualmente e moralmente superiores com sua classe. Este fenômeno, como o *Manifesto comunista* já havia previsto, torna-se um fato social importante, notadamente em épocas de crise revolucionária;

3) o trágico fracasso de homens dotado de grandes qualidades em face das contradições do desenvolvimento social e da agudização da luta de classe, que não tem mais condições de enfrentar, nem intelectual nem moralmente. (...);

4) o choque dos ideólogos honestos com sua própria classe, na medida em que vivem intensamente as grandes contradições da época, extraem corajosamente as consequências de suas experiências e as exprimem sem hesitações. Este choque, este conflito com a classe burguesa, pode, em determinados casos,

permanecer por muito tempo inconsciente e latente, (...) o significado da situação aqui criada depende da intensidade com a qual o indivíduo em que vive a medita sobre as contradições da época, bem como de suas possibilidades” (Lukács, 1981).

Enfim, a este respeito, é importante ressaltar que há um movimento que procura resgatar o verdadeiro papel que devem possuir as ciências; pois, a emancipação humana passa também pela forma como é produzida a compreensão social de mundo, embora não seja a única, ela é importante no cotidiano de todos nós.

## CONCLUSÕES FINAIS

Como foi colocado ao longo desta exposição, o método cumpre uma função essencial na produção de conhecimento, assim, é necessário reconhecer que uma boa investigação somente poderá ter resultados adequados e científicos se trilhar um caminho procurando desvendar a realidade, trazendo para a teoria sua objetividade, terá um papel fundamental na apreensão humana do real; enquanto que com um método que fuja ao mundo sensível, o pesquisador terá trabalhado em vão, suas descobertas ficarão no plano da imaginação, da subjetividade e da mera acidentalidade e vicissitude cega, esse mascaramento da realidade, entre outras consequências dá lugar ao pesquisador ou pesquisadora alienada (o) a seu meio social, impede apontar possibilidades de uma transformação real, todavia, seus alcances serão limitados porque as soluções aos problemas não são vistos na transformação da situação levantada e na supressão das causas que a geram. Finalmente, parece incontestável que, o que se oculta em um bom método é a ruptura entre a esfera da subjetividade e a objetividade (concretude real) humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aquino de T (2014). O ente e a essência. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Aristóteles (2000). Tratado da política. Trad. M. de Campos. Editora: Publicações Europa-América, LDA, Portugal.
- Eliot TS (2011). Notas para a definição de cultura. Trad. De Eduardo Wolf. Editora: É Realizações. São Paulo.
- Hainchelin C (1961). As origens da religião. Trad. Clara A. Colotto e Walderez Martins. Editora: Fulgor, São Paulo.
- Lessa S (2011). Introdução à filosofia de Marx. 2ª ed. – São Paulo: Expressão Popular.
- Locke J (1915). Ensaio sobre o entendimento humano. Trad. Pedro Paulo Pimenta. Editora: Folha de S. Paulo. São Paulo.
- Lukács G (2010). Prolegômenos para uma antologia do ser social: questões de princípio para uma antologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo.

- Lukács G (1981). Sociologia. Trad. José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. Ática: São Paulo.
- Lowy M (2015). Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista. 20ª ed. São Paulo: Cortez.
- Gadotti M (1991). Marx: transformar o mundo. 2ª ed. São Paulo: FDT.
- Gramsci A (1974). Obras Escolhidas, V. I. Trad. Manuel Cruz. Editorial Estampa. Lisboa.
- Kosing Alfred (1977). A questão fundamental da filosofia. Edições Avante, Lisboa.
- Spirkine V (1966). Podosssetnik. Fundamentos da dialética da história. Editora: Argumentos São Paulo.
- Marx K et al. (2004). Textos sobre a educação e ensino. Trad. De Rubens Eduardo Frias, 4ª ed. Centauro: São Paulo.
- Masson G (2009). Políticas de formação de professores: as influências do neoprgmatismo da agenda pós-moderna. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Ribeiro MLS (1991). Educação escolar e Práxis. Editora: Iglu. São Paulo.
- Zikas DN (1994). Noções básicas da filosofia clássica. Editora e Distribuidora de Livros e Revistas Cyros LTDA. Curitiba.

**ÍNDICE REMISSIVO**

**A**

acessibilidade, 4, 42, 46

**C**

conhecimento, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15,  
16, 17, 19, 21, 23, 27, 32, 33, 34, 35, 37, 38,  
41, 48

**D**

Diretrizes de Bases da Educação Nacional, 22,  
28

**E**

educação, 4, 8, 14, 18, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 31,  
33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48,  
51, 52

**G**

Gamificação, 33, 34, 41

**I**

ideologia, 16  
inclusão, 4, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 52  
investigação, 7, 8, 10, 17, 32

**L**

Língua de Aquisição, 19

**M**

método, 4, 6, 7, 9, 11, 12, 15, 16, 17, 31, 34, 35,  
41, 52  
Metodologias Ativas, 33, 40  
monolíngues, 23

**P**

processo ensino-aprendizagem, 30, 32, 33, 36,  
37, 38, 39

**S**

segunda língua, 4, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29

**T**

Tecnologia da Informação e Comunicação, 31,  
33

**V**

variantes linguísticas, 21

## SOBRE O ORGANIZADOR

  **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: [lucasrodrigues\\_oliveira@hotmail.com](mailto:lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com).



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

